

FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por annos	2\$000 "
Para a Europa, por annos	1\$200 "
Numero de exemplares	30 "

Annunciar as obras das quaes se reciba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Alfredo Pires

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originães sejam ou não publicados não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

CONSEQUENCIAS

A conversão das obrigações tabaqueiras a effectuar em breves dias a favor da Companhia dos Tabacos é mais uma consequencia da vida airada em que d'ha muito tem vivido os nossos governos, como já o havia sido o nesso descredito lá fóra, que nos arrastou ao convenio de 1902, tão aviltantemente vergonhoso como nocivo ao desenvolvimento e honra do nosso maliadado Paiz.

Escreve-se muito, fala-se sem conto nem medida, nos grandes centros e até nas mais afastadas aldeiolas, para unicamente concordarem todos que a questão dos tabacos é importantissima e que d'ella depende a nossa resurreição economica e financeira.

Sucedeu outro tanto quando se effectuou o convenio, sem outro resultado mais do que ficarem prehes d'artigos faiscentes os jornaes da imprensa portugueza e até d'alguns da estrangeira.

A final o convenio realisou-se nas condições leoninas que aprouve aos nossos credores externos, como ha de effectuar-se a conversão e o proprio exclusivo do fabrico dos tabacos (se não fór tambem do exclusivo da venda) a favor da companhia respectiva.

E' naturalissimo que assim succeda.

Esperar o contrario é ignorar a logica das situações inferiores, desconhecer a lei social do forte contra o fraco, do credor contra o devedor, devedor fallido, relapso, caloteiro, pela situação desgraçada em que os nossos governos tem collocado este desventurado Paiz.

Esperar o contrario seria acreditar no absurdo d'um devedor desacreditado, sem meios para satisfazer os seus compromissos, nem recursos com que remediar as suas necessidades, vir dar ordens e impôr-se em negocios a ultimar com o seu credor.

A sociologia hoje ensina e a observação demonstra que os factos da vida individual tem inteira semelhança e applicação aos factos da vida das nações.

Ora se Portugal não tem com que pagar honrada e decentemente aos seus credores, como ha de impôr-se-lhe e salvaguardar com altivez os seus legitimos interesses, repellindo pretensões interesseiras de potentados invenciveis?

Eu não incrimino o governo actual pelos actos actualmente praticados; condemno-o e aos outros governos transactos pelos seus actos passados, cujas consequencias são a dura situação em que nos encontramos, talvez sem remedio.

Eu não incrimino o governo actual pelos actos actualmente praticados; condemno-o e aos outros governos transactos pelos seus actos passados, cujas consequencias são a dura situação em que nos encontramos, talvez sem remedio.

Diz o rifão, caracterizando bem o nosso feiio: «Depois da casa roubada trancas na porta».

Não seria muito melhor prevenir, evitar acontecimentos funestos, desastro-issimos, deprimentes para o nosso credito, lesivos para o nosso viver de nação independente?

Quando se tem conhecimento de que os nossos governantes se prestam a deixar escapar pelos alcapões montes de dinheiro, milhares de contos de reis, sem proveito algum para a nação e só para alimentar vaidades, luxo, corrupção de quem deviam ser os primeiros a dar bons exemplos, evitando estes vicios, que uma nação pequena não póde sustentar, não seria então que todos unidos lhe deviamos fazer opposição por todas as fórmias ao nosso alcance?

Não seria melhor impedir a todo o transe, quando se sabe eminente, a creação de logares ás centenas, que apenas tem

em vista alimentar zangãos cujo maior labôr é dizer amen a todos os desmandos, a todos os esbanjamentos dos governos que os despacham, ora uns ora outros? Nada d'isso se faz a tempo.

Somos desgraçadamente como os devedores insolventes que para occultar a sua má situação, fazem obras, ostentam luxo, peorando-a.

D. H.

Cunha Belem

Falleceu no dia 12 do corrente pelas 7 horas da tarde, em Lisboa, o sr. D.º Antonio Manuel da Cunha Belem, antigo cirurgião em chefe do exercito, reformado ha pouco na graduação de general de brigada.

Era tambem um distincto jornaal-culto das letras, collaborou em publicações politicas, litterarias e scientificas.

Com grande facilidade em escrever e orar, prestou valiosos serviços ás agremiações de caracter popular, litterarias ou scientificas, de que era socio.

Foi um homem de valor e um bom que se extinguiu.

Chegou no dia 12 do corrente a esta villa, o nosso presado assignante, sr. João Simões Ladeira, filho do sr. Francisco Simões Ladeira, d'esta villa, vindo do Bihé, onde ha annos está estabelecido, tendo estado antes em Catumbella.

Sahindo d'aqui em 1891, na tenra idade de 11 annos, só agora voltou aos patrios lares, onde se demora alguns mezes em companhia de sua familia.

A philarmónica da terra, de que é socio, foi no dia em que chegou cumprimental-o.

Felicitemos o sr. Ladeira pela volta á sua patria que tão ambicionada lhe deve ter sido e tanto mais pela idade em que a abandonou, apresentando-lhe os nossos cumprimentos.

Novos collegas

Recebemos a visita de dois novos semanarios que começaram a sua publicação, *O Porvir*, que se publica em Coimbra, collaborado por estudantes, e *Alma Portuguesa*, orgão da Academia, publicado em Lisboa.

Com elles estabelecemos a permuta e agradecemos-lhes a visita.

Miguel Rosinha

Visitámos ha dias a officina de tecelagem d'este activo e habil industrial, installada em edificio apropriado que expressamente mandou construir proximo d'esta villa, á beira da estrada de Castanheira de Pera, que nos surprehendeu a boa installação, os magnificos teares e a perfeição de fabrico dos seus productos.

Ali vimos objectos diversos, como chales de sêta, de lã, optimas case-miras, estambres e outros gostos de fabrico, que muito acreditam a industria portugueza.

Já temos ouvido falar dos conhecimentos industriaes do sr. Miguel Carvalho Rosinha e da sua officina, estando porém longe de fazermos um juizo aproximado da importancia de perfeição da sua manufactura.

E' pois um bom estabelecimento do seu genero, com que Figueiró construção, com bellas accommodações para o funcionamento de muitos teares e machinismos no rez do chão, e uma magnifica habitação, espaçosa e nas melhores condições hygienicas, no 1.º andar, com as necessarias pertenças.

Felicitemos pois o sr. Rosinha, pela sua iniciativa e laborioso trabalho, desejando que d'ella tire os melhores resultados, e não exitamos em recomendar aos que podem auxiliar-o na sua empresa, e que é ao mesmo tempo um melhoramento para esta terra.

Desastre

Acha-se guardando o leito desde sabbado, o sr. Manuel Quaresma Paiva, devido ao deslocamento dos dois pés, no sitio do artelho.

Tão desastrosamente caliu quando na noite de 10 do corrente se dirigia do caminho do logar da Santarem para esta villa, proximo á estrada de Castanheira de Pera, que teve de ser conduzido a sua casa por pessoas que o ouviram pedir soccorro.

Veio da Castanheira o sr. D.º Francisco Henriques David, que com o sr. D.º Adelino d'Aranjo Lacerda, lhe fizeram o tratamento necessario.

Sentindo o desastre que a terrivel consequencia occasionou, desejamos as suas melhoras.

Estão n'esta villa os empregados viajantes, srs. Francisco Beirão e Thomaz dos Santos Oliveira, das casas —Abreu & Loureiro— e —Cunha, Botica & Commandita.

Previsão do tempo

É muito interessante a carta que Mr. Hallauer, inspector das aguas e florestas de França, que enviou ao conceituado jornal «Commercio do Porto», sobre as bases em que assentam as suas previsões que são muito racionais e não obedecendo a méros calculos.

O que o illustre homem de sciencia escreve é importante para os agricultores

As linhas geraes dos seus prognosticos, é, que até outubro de 1906, viveremos sob um regimen de falta d'agua.

Segue a alludida carta:

«Para estabelecer a minha theoria meteorologica, baseei-me nas datas em que se dão as grandes inundações e as grandes chuvas persistentes que as occasionam, observando geralmente que a tensão hygrometrica diminue pouco a pouco durante os periodos de 1:215 dias que separam habitualmente estas diversas inundações, quando são assignaladas na Europa pelos jornaes.

No principio de se renovarem estes periodos de 1:215 dias, as chuvas parecem dever ser eternas.

Don a esta tensão hygrometrica o valor de 99; 405 dias mais tarde as chuvas diminuem de intensidade e a tensão hygrometrica corresponde então ao valor de 66; 405 dias depois esta tensão hygrometrica diminue ainda e entra no periodo de estiagem com o valor de 33.

Atravessamos-a presentemente e esta estiagem deve ir em *crescendo* até 14 de outubro de 1906, época em que *tenho a certeza* de assistir a uma recrudescencia de inundações e de chuvas persistentes, comparaveis ás que se deram em França em 28 de outubro de 1886 e 21 de outubro de 1896. Cada uma d'ellas é provocada por uma grande onda solar de 3:645 dias, resultando dos *effeitos triphasicos* das ondas secundarias de 1:215 dias observadas em 21 de outubro de 1896, 18 de fevereiro de 1900 e 18 de junho de 1903. Mas se a onda 3:645 é o resultado dos *effeitos triphasicos* das ondas 1:215, cada uma d'ellas encontra-se no mesmo caso e é resultante dos *effeitos triphasicos* dos seus sub-multiplices de 405 dias apontados mais acima.

Toda a minha theoria meteorologica é baseada, principalmente, no raciocinio, ao passo que os relatorios officiaes contendo esclarecimentos fornecidos por instrumentos—porventura perfeitos, mas... insufficientes—não conseguiram conduzir-me senão a resultados de previsões muito inexactas. Motivo sufficiente para que os abandonasse desde muito tempo.

Taes processos desnor-teiam os observadores, que só têm confiança no que *vêem*, não ligando valor algum ás indicações perceptíveis dirigidas n'outro sentido que não seja o da vista e que é impossivel catalogar por algarismos, sejam ellas quaes forem.

Ainda irei mais longe, afirmando que um cego ou um rheumatico será — por meteorologo que qualquer

pessoa armada dos mais perfeitos aparelhos existentes.

Quando phenomenos solares actuam sobre a terra e que *nada* nos permite vê-los nem *vêr* o que se passa sob a photosphera, os *effeitos* provocados não deixando, por isso, de existir, somos então obrigados a reconhecer a insufficiencia dos nossos meios de investigação, por mais perfeitos que elles possam ser.

Não digo que mais tarde não se chegará a investigar instrumentos irreprehensíveis para se poder *n'elles lêr* o que o futuro nos reserva; mas até ao presente tenho fraca confiança nos que existem e resolvi abandonal-os, acrescentando que não me acho peor, por isso, desde 1895 a 1898, quando principiei a empregar os meus methodos especiaes de investigação.»

Ossada

No lugar da Siqueira, d'este concelho, foi ha dias encontrado por José Lopes, parte de um esqueleto humano, quando andava arrancando saibro, á profundidade de 4 palmos. A excepção da caveira, que tinha ainda pegado um dos queixos com alguns dentes, todos os ossos estavam já pó-dres, devendo ser de ha muitos annos.

O sr. José Lopes contou o succedido a pessoas do sitio, e constando ao regedor da freguezia d'Aguda, sr. Antonio Marques, foi ao local e mandando juntar todos os ossos encontrados, que fez enterrar, communicou o succedido ao digno administrador do concelho.

Para serem interrogados sobre o facto, vieram no dia 14 á administração do concelho, o José Lopes e outros individuos da Siqueira.

Sahiram para Castro Verde e Reguengos, os nossos assignantes srs. Antonio José de Carvalho, negociantes, que vieram passar o Carnaval com suas familias.

Sahiram para Lanhezes (Braga), o sr. Manuel Affonso de Carvalho e Almeida, d'esta villa.

Chegou no sabbado preterito a esta villa, com sua ex.^{ma} familia, o escrivão notario do segundo officio, d'esta comarca, sr. Joaquim Ayres Buraca, que permutou com o sr. Julião Bagné Rebocho, que se achava de licença desde que fez entrega do seu lugar no Seixal.

Caminho de ferro do Algarve

Foi no dia 10 do corrente inaugurada a estação de Tavira, da linha ferro-viaria do Algarve, que até áquelle dia só era percorrida até Fuzeta, e só desde o verão passado fica entre aquella cidade e Olhão.

O nosso presado collega «O Herald» que se publica em Tavira, solemnizando o notavel acontecimento, estampou na sua primeira pagina do numero d'aquelle dia, os retratos dos conselheiros: D.^s Mathews Teixeira d'Azevedo, Affonso Vargas, engenheiro Arthur Mendes e conde Paço Vieira.

O primeiro é o protector desvelado da região algarvia ao nascente

de Faro, nome que ali se evoca para o conseguimento de qualquer bem publico; os segundo e quarto que como ministros das Obras Publicas activaram os trabalhos de construção e o terceiro como engenheiro director.

A conclusão d'aquelle linha que tem seu terminus em Villa Real de Santo Antonio, e que desde 1889 estacionou em Faro, deve ficar concluida no actual anno.

Recrutamento militar

Desde 1 a 31 de março têm lugar as reclamações do serviço militar, dos mancebos recenseados no presente anno, e que desejem o adiantamento em harmonia com artigos 135, 136 e 137.

Esses mancebos têm direito a reclamar, estando nas seguintes condições:

Ter um irmão recenseado, n'este mesmo anno; ter um irmão servindo na praça; frequentar o curso theologico em qualquer seminario ou universidade.

Tem passado bastante mal, com um ataque de rheumatismo, obrigando-o a guardar o leito, o sr. Manuel Simões Herdade, de Aldeia d'Anna d'Aviz. Ultimamente tem experimentado algumas melhoras.

O Tempo

Tem decorrido frio para a época em que estamos, mas conveniente á agricultura e nos ultimos dias tem aqui chovido com abundancia.

Como o tempo tenha corrido proprio, já se vão fazendo as sementeiras e bem andam os que n'estes trabalhos se antecipam, visto que deve contar-se com a escassez de chuvas.

O milho tem ido subindo de preço, estando-se vendendo a 620 reis e mais o alqueire (14'8) e continuará a subir se o milho vindo de fóra não vier como é de esperar abastecer o mercado, e sabemos que já ahi chegou uma porção d'esse milho que é pouco inferior ao da terra e que poderão vendel-o a 550 reis, ou menos.

«Illustração Portuguesa»

Mais o numero 71 acabamos de receber e que agradecemos.

Recommendo tão util e excelente publicação aos nossos leitores, lembramo-lhes que as magnificas publicações do «Seculo», se podem adquirir pelos preços seguintes, taes como:

O Seculo, o Supplemento Humorstico d'O Seculo e a Illustração Portuguesa podem obter-se por assignatura em globo pelo preço assombrosamente reduzido de 9\$000 reis por anno, 4\$500 reis por semestre, 2\$250 reis por trimestre ou 750 reis por mez.

Assigna-se na sede da empresa, rua Formosa, 43, Lisboa e nas estações telegrapho-postaes.

VIVER TRISTE

Almas de meiga doçura,
Desculpae a desventura,
Que tanto me faz soffrer;
Ha desvarios sublimes,
Que no; arrastam a crimes,
Ou que nos fazem morrer.

A morte é doce esperanza,
Pra aquelle que não alcança,
No mundo, sorte maior;
Ha no silencio funereo,
Um attrahente mysterio,
Que nos consola na dôr.

De que nos serve ter vida,
Quando vive incompreendida,
A alma, thesoiro santo,
Sacratio das affeições,
D'onde nascem as paixões,
E rebenta todo o pranto!...

Viver sem ternas caricias,
Ignorar quantas delicias,
Um amor nos offerêce;
Não achar labios divinos,
Que em sorrisos crystalinos,
Dêem vida a quem padece!...

Ir esmolar, qual mendigo,
Um peito sincero e amigo,
Onde possâmos, um pouco,
Descançar suavemente
A nossa alma padecente,
Por este desejo louco!?

Eis a suprema afflicção,
Que me rasga o coração,
Neste mundo de vilezas,
—Não encontra a quem adore...
Coitado!... que viva e chore,
Que ao menos tenha tristezas!—

Faro, 29 1-905.

Jayme Cunha.

O Entrudo

É um palhaço, um paspalhão sem par,
Assaz improprio para gente seria,
Porque é a escoria da sedição leria
D'um tolo infrene, de uma besta alvar.

É um burlão, um villanaz palmar,
Sem ar nem graça nas fariolhas suas,
Que airado rola pelo pó das ruas...
Fazendo de asno o seu papel vulgar.

É, finalmente, o que defende a pança
De lambanças, do alarve em tudo,
Que come e bebe com voraz loucura.

E para prova do que aqui se avança,
Basta dizer-se que a palavra «Entrudo»
Vem de «Entre tudo» que traduz «osutura»

3-3-05

A. Zoroastro.

O cão magro e o cão gordo

(Fábula)

Ora succedeu um dia entrar o cão vadio na cidade onde se encontrou com um collega bem anafado, ares magestosos de creatura farta e que se considera superior a tudo e a todos. O cão magro, com a desventura propria de quem, acostumado á liberdade, não entende de categorias sociaes, travou logo conversa com o collega:

—Bons dias, amigo, então como passas?

—Admiravelmente. Nada me falta; almoço, janto e ceio do melhor que ha em casa do meu dono.

—Ah! então tens um dono!? Pois eu, é isto que vê. Como ó que o acaso me depára, e ás vezes passam-se horas e horas sem topar ao menos com um osso para roer e entreter a fome.

—Pois amigo, disse o cão gordo, segue o meu exemplo; e se quizeres arranjo-te cá na cidade um dono que te dê boa vida e bons acepipes. Tenho aqui boas relações, e, como tudo se consegue com empenho, não me será difficil conseguir um bom lugar para ti.

Emquanto assim falava o cão gor-

do, o cão magro foi passando em revista a belleza da pelle, o anediado, a gordura, a plasticidade do collega: mas ao chegar ao pescoço, notou uma sensível falha de cabellos, uma callosidade que destoava lamentavelmente da harmonia do rosto.

E perguntou:
—Que tens tu ahí no pescoço? Foi paulada, tumor ou mordidela de algum collega mais possante que tu?

—Isto não é nada de importancia, disse o gordo. E' que lá em casa, todas as noites, prendem-me no canil e põem-me ao pescoço uma colleirinha. Mas é só de noite. De dia como e bebo á maravilha, de fórma que me dou por bem pago do incommodo da noite.

—Ah! então põem-te uma colleira todas as noites? Pois amigo, visto que gostas, continua; obrigado pelos teus offercimentos; prefiro a minha liberdade e a minha independencia á tua sujeição humilhante. O meu pescoço não se fez para a colleira nem para obediencia á patrões. Adeus!

E dizendo isto o cão magro desatou a correr, com mais alegria que a costumada como se tivesse visto imminente um jugo com que não se compadecia a sua natureza de animal independente e livre.

Esteve em Figueiró dos Vinhos, no dia 16, o sr. José Alves Diniz, de Castanheira de Pera, que ha dias chegou do Brazil, commerciante em Iacupiranga (Estado de S. Paulo).

Morto vivo

A imprensa do Rio de Janeiro, tem-se occupado muito de um medico que fez parte da guarnição que combateu na guerra dos canudos, que foi dado por extraviado e considerado morto.

Sua esposa contrahiu matrimonio em segundas nupcias, haverá um anno.

O supposto morto, andou doído pelo interior da Bahia e esteve internado n'uma casa de alienados, sem comtudo ser conhecido. Tendo porém recuperado o uso da razão,

tencionava dirigir-se ao Rio, onde vai encontrar uma scena bem pouco agradável para a esposa dos dois maridos e para estes.

«Mil e Uma Noites»

A casa editora de João Romano Torres, na rua de D. Pedro V, 88, Lisboa, está fazendo uma nova edição d'estes interessantes contos arabes, de que muitas edições se têm feito em todos os paizes.

O seu preço é de 20 reis por fasciculo e 100 reis o tomo de cerca de 80 paginas.

Recebemos os fasciculos 1 e 2.

Semana do mandrião

No domingo nada faço—porque sou fiel christão;

Na segunda porque abraço—da preguiça a profissão;

Na terça porque o cansaço—me obriga a ser mandrião;

Na quarta não dou um passo—porque temo dal-o em vão;

Na quinta porque adoeço—com medo de trabalhar;

Na sexta porque padeço—d'uma affeição pulmonar;

Sabbado porque conheço—que é preciso descansar!

Quando D. João I tentou a conquista de Ceuta, em 1415, a cidade do Porto foi a primeira que lhe enviou uma poderosa armada fornecida com todos os apetrechos de guerra e guarnecida de bons soldados, tudo pago á custa de seus habitantes, os quaes para que a mesma armada fosse abundantemente provida de viveres, os mais sadios e mimosos, cortavam pelo seu proprio estomago, alimentando-se dos miudos e entranhas do gado vacum e reservando a melhor carne para a gente de que a armada se compunha.

E ahí está porque são tripeiros os habitantes do Porto.

ANNUNCIOS

400\$000 REIS

Emprestam-se sobre hypotheca ou letra com bons fiadores.

Perdigão—
Figueiró dos Vinhos.

Arrematação judicial

2.ª PRAÇA
(1.º ANNUNCIO)

No dia 26 do corrente por 11 horas da manhã á porta da loja da casa em que habitou Joaquim d'Ábreu, n'esta villa, se hão de arrematar em hasta publica a quem maior lanço offercer, do mobiliario composto de diferentes objectos de mercaderia, pertencentes á massa fallida do commerciante dito Joaquim d'Ábreu, que na primeira praça não obtiveram lanço algum, indo por metade do seu valor a esta segunda praça.

Figueiró dos Vinhos, 13 de março de 1905.

O escrivão do 1.º officio.
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:
O Juiz
João Ribeiro.

RAFIA

Vende-se em grande quantidade na

Loja dos Quatro Globos

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Benjamim A. Mendes.

CASA DE CONFIANÇA

Esta casa vende por preços baratissimos:—Relogios de sala, dictos de bolso, e objectos de ouro e prata.

Vende tambem machinas de costura, e todos os accessorios para a s mesmas.

Executam-se concertos em toda a qualidade de relogios, machinas de costura, e em todos os objectos de ouro e prata, ficando perfeitos.

Todos os objectos são garantidos, restituído-se a importancia por inteiro, ao freguez, no prazo de 15 dias, quando prove que foi burlado, tanto na qualidade do objecto como no preço.

David—Relojoeiro

Figueiró dos Vinhos.

Officina de Canteiro

DE

BERNARDINO DE FREITAS

CORREIO DOS CABACOS

—CORTIÇA—

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade e gosto do freguez.

Tambem se encarrega da construcção de jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez.

Preços convencioneados, mas sem competencia.

nhora: bateu; perguntaram de dentro quem era, o rapaz falou, e a porta foi immediatamente aberta.

Henriqueta estava sem dominó na presença de Carlos. Foi sublime esta appareição. A mulher, que Carlos viu, não sabemos nós pintal-a. Era o original d'essas esplendidas illuminuras, que o pincel do século XVI fazia saltar da tela, e consagrava a Deus, denominando-as Magdalena, Maria Egypsiaca, e Margarida de Corthona.

O homem é fraco, e sente-se mesquinho perante a magestade da belleza! Carlos sentiu-se dobrar nos joelhos; e a primeira palavra que balbuciou foi «perdão!»

Henriqueta não poudo receber com a firmeza, que devia suppor-se-lhe, uma tal surpresa. Sentou-se e limpou o suor que lhe corra de improviso todo o corpo.

A coragem de Carlos desmereceu do muito em que elle a tinha. Succumbiu, e nem ao menos lhe deixou o dom dos logares communs. Silenciosos, olhavam-se com uma simplicidade infantil, indigna de ambos. Henriqueta revolveo no pensamento a industria com que o seu segredo fôra violado. Carlos invocava ao coração palavras que o salvassem d'aquella crise, que o materialisava por ter tocado o extremo do espiritalismo.

Não nos faremos cargo de satisfazer as despoticas exigencias do leitor, que pede contas das interjeições, e das reticencias de um dialogo.

O que podemos garantir-lhe, debaixo da nossa palavra de folhetinista, é que a musa das lamentações desceu á invocação de Carlos, que, pôr fim, desenvolveo toda a eloquencia da paixão. Henriqueta ouviu o com a seriedade com que uma rainha absoluta escuta um ministro da fazenda, que lhe conta os chatissimos e massudos negocios das finanças.

Sorria-se, ás vezes, e respondia com um resaibo de magua e de resentimento, que matava, no nascedouro, os transportes do seu infeliz amante.

As suas ultimas palavras, essas sim, são dignas de se

aventura, que aproveitei para tornar menos inspidas aquellas horas, em que me acompanhaste... Foi uma rival que não honra ninguem... uma Laura com os respeitos publicos, e as considerações que se barateiam a corpos ulcerosos, com tanto que se vistam de veludos matizados. Ainda eu era feliz, quando o infame amante d'essa mulher me dava o anel, que viste, como oblação de sacrificios que me fazia de uma rival.

«Escreve-me.

«Has-de ouvir-me no proximo carnaval.

«Por ultimo, Carlos, deixa-me fazer-te uma pergunta:

«Não me achas mais defeituosa que o nariz d'aquella andaluza da historia, que te contei?

«Henriqueta».

X

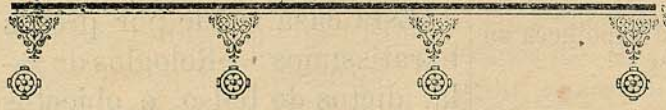
É natural a exaltação de Carlos, depois de erguido o véo, em que se escondiam os mysterios de Henriqueta. Alma apaixonada pela poesia do bello, e pela poesia da desgraça, Carlos não teve nunca impressão na vida, que mais lhe incendiasse uma paixão!

As cartas a Angela Michaela eram o desafogo do seu amor sem esperanza. Os mais ferventes extasis da sua alma de poeta, imprimiu-os n'aquellas cartas escriptas debaixo de uma impressão, que lhe roubava a tranquillidade de somno, e o refugio de outros affectos.

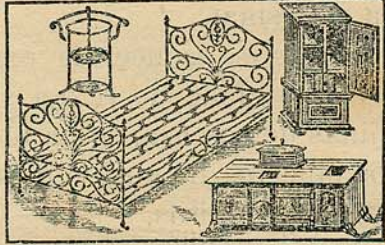
Henriqueta respondera concisamente ás explosões de um delirio, que nem sequer a fazia tremer pelo seu futuro. Henriqueta não podia amar. Arrancaram lhe pela raiz a flôr do coração. Esterelisaram-lhe a arvore dos bellos fructos, e envenenaram-lhe de sarcasmo e ironia os instinctos do carinho brando, que acompanham a mulher até á sepultura.

Carlos não podia supportar uma repulsão nobre. Per-

NA LOJA DOS QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda **camas de ferro a 2\$000**, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella.—Colehoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de ma-

deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionais e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lengos de sêda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

ARITMETICA PRATICA

por
ADELINO LOPES CARREIRA

A mais pratica, mais completa e que é adoptada em diversas escolas officiaes secundarias, como na «Rodrigues Sampaio» e Casa Pia, de Lisboa; na Escola de Telegraphia do Porto, e outras.

Encontra-se á venda em varias livrarias de Lisboa e Porto, podendo pedil-as ao editor—Francisco Antonio d'Aguiar, em Figueiro dos Vinhos, e á livraria—Avellar Machado—

em Lisboa, as livrarias que ainda a nao tenham.

LEONOR TELLS

SENSACIONAL ROMANCE HISTORICO

por
MARCELINO MESQUITA

O popular auctor do drama com igual titulo, representado innumeradas vezes e applaudido entusiasticamente e delirantemente nos theatros *D. Maria* e *D. Amelia*, acaba de firmar contracto com «**A Editora**» para a publicação d'este seu novo original, verdadeira obra prima litteraria da actualidade.

Grande edição de luxo profusa-

mente illustrada com gravuras de pagina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 paginas e 1 chromo ou 32 paginas de texto—60 réis.—Tomo mensal, 300 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes—Um exemplar «gratis» a quem enviar a importancia de 10 cadernetas, tomos ou volumes.

Em publicação na «**A Editora**»—Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras do reino.

Rudimentos de Agricultura Pratica

POR

D. LUIZ DE CSATRO

Agronomo e lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria

Livro profusamente illustrado, 250 réis

Edição esmerada da Livraria Ferim de Lisboa

Approvado pela commissão da escolha de livros

Os pedidos d'este livro e da Choro-graphia, de Raposo Botelho, podem ser feitos á redacção d'este jornal.

Os Dramas da Côrte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

E. LADOUCKETTE

A côrte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e miserias, é descripta magistralmente pelo auctor d'*O BASTARDO DA RAINHA* nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós

exito igual áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 15 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo

100 réis o tomo

2 VALIOSOS BRIDES a todos os assignantes

—*—

Pedidos á—

Bibliotheca Popular

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

A AMBICÃO D'UM REI

por **Eduardo de Noronha**

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar gratis a quem remetter adeantadamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«**A Editora**»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

suadira-se que havia um estalão moral para todas. Confiava no seu ascendente, em não sei que mulheres, entre as quaes lhe não fôra penoso nunca fixar o dia do seu triumpho.

Homens assim, quando encontram um estorvo, apaixonam-se seriamente. O amor-proprio, angustiado nos apertos de uma impossibilidade invencível, adquire uma nova feição, e converte-se em paixão, como as paixões primeiras, que nos sopram a tempestade no limpido lago da adolescencia.

Carlos, em ultimo recurso, precisava saber onde morava Henriqueta. No lance extremo de um desafogo, iria elle, audacioso, humilhar-se aos pés d'aquella mulher, que a não poder ama-lo, choraria com elle ao menos.

Estas preciosas futilidades escaldavam-lhe a imaginação, quando lhe occorreu a astuciosa lembrança de surpreender a morada de Henriqueta surprehendendo a pessoa que no correio lhe tirava as cartas, sobrescriptadas a Angela Michaela.

Conseguido o compromettimento de um empregado do correio, Carlos empregou n'esta missão um vigia insuspeito.

No dia de correio, uma velha, mal trajada, pediu a carta n.º 628. O que a entregou fez um signal á um homem, que passeava no corredor, e este homem seguiu de longe a velha até ao campo de Santo Ovidio. Feliz das vantagens, que lucrara em tal commissão, correu a encontrar-se com Carlos. E' ocioso descrever a precipitação com que o enamorado mancebo, espiritualizado por algumas libras, correu á indicada casa. Em honra de Carlos, é necessario dizer que aquellas libras representavam a eloquencia com que elle tentaria mover a velha em seu favor, por isso que, á vista das informações que tivera da pobreza da casa, concluiu que não era alli a residencia de Henriqueta. Acertou.

A confidente de Henriqueta fechava a porta da sua baiu-

ca, quando Carlos se approximou, e muito urbanamente lhe pediu licença para dizer-lhe duas palavras.

A velha, que não podia reccar alguma aggressão traiçoeira aos seus virtuosos oitenta annos, franqueou os umbraes da sua possilga, e prestou ao seu hospede a cadeira unica do seu camarim de tecto de vigas, e pavimento de lages.

Carlos principiou como devia o seu ataque. Lembrado da chave com que Bernardes manda fechar os sonetos, applicou-a á abertura da prosa, e conheceu de prompto as vantagens de ser classico, quando convém. A velha, quando viu cair no regaço duas libras, sentiu o que nunca sentira a mais carinhosa das mães, com dois filhinhos no collo. Luziram-lhe os olhos, e dançaram-lhe os nervos em todas as evoluções dos seus vinte e cinco annos.

Feito isto, Carlos precisou a sua missão nos seguintes termos:

—Esse pequeno donativo, que lhe faço, ha de ser repetido, se vossemecê me fizer um grande serviço, que pôde fazer-me. Vossemecê recebeu, ha pouco, uma carta, e vae entregal-a a uma pessoa, cuja felicidade está nas minhas mãos. Estou certo que vossemecê não ha de querer occultar-me a morada d'essa senhora, e prival-a de ser feliz. O serviço que tenho a pedir-lhe, e a pagar-lhe bem, é este: pôde fazer mo?

A fragil mulher, que não se sentia bastante heroína para ir de encontro á legenda, que D. João V fez gravar nos cruzados, deixou-se vencer, com mais algumas reflexões, e denunciou o santo asylo das lagrimas de Henriqueta, segunda vez atraçoada por uma mulher, fragil á tentação do ouro, que lhe roubára um amante, e vem agora devassar-lhe o seu sagrado refugio.

Poucas horas depois, Carlos entrava em uma casa da rua dos Pelames, subia a um terceiro andar, e batia a uma porta, que lhe não foi aberta. Esperou. Momentos depois, subia um rapaz com uma caixa de chapéo de se-